

## Editorial da 10ª edição

### Um olhar para a Amazônia: riquezas e diversidades

**Leandro Ferreira Assis**

[leandroferrassis@puc-rio.br](mailto:leandroferrassis@puc-rio.br)

Editor Geral - Revista Dignidade Re-Vista  
PUC-Rio.

#### Nota de esclarecimento

Informamos à toda comunidade acadêmica que a 10ª edição da Dignidade Re-Vista sobre o tema “Um olhar para a Amazônia: riquezas e diversidades” necessitou alterar seu calendário de publicação excepcionalmente para essa edição, por consequências geradas pela Pandemia da Covid-19.

A Dignidade Re-Vista chega à sua décima edição consolidando quatro anos de contribuição para a produção científica. Este volume foi produzido em meio ao caos da proliferação da Covid-19, uma pandemia que tem gerado uma onda de incertezas, medo e luto. Mediante esse cenário, nosso compromisso e valorização do trabalho científico foi ainda mais reforçado. A ciência não deve parar, nossos anos de trabalho e pesquisa devem ser exaltados, principalmente quando atravessamos por caminhos conturbados e negacionistas da inóxia representação política. Vivenciamos um desrespeito à dignidade humana nos aspectos sociais, culturais, educacionais, econômicos e políticos.

A Região Norte do Brasil, sempre lembrada por suas belezas naturais e dona da Floresta Amazônica, considerada no senso popular como o pulmão do mundo por ser a maior floresta tropical, atualmente é palco do epicentro de contaminação do Covid-19 segundo estudos realizados em maio de 2020 pelo Centro de Epidemiologia e Pesquisa Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), liderados pelo professor José Rocha Faria. Por isso precisamos promover cada vez mais espaços que propiciarão a discussão sobre os diversos impactos, sejam eles ambientais sejam sociais, que essa região tem sofrido.

“Um olhar para Amazônia” não é só um pano de fundo para as questões ambientais, nosso objetivo é pensar o que a humanidade está produzindo, qual o reflexo de toda “modernidade”,

valorizar a diversidade e proteger a humanidade com humanidade. Segundo João Rua (2007), o modelo atual de sociedade vem utilizando a criação de uma espacialidade cada vez mais abrangente, instrumental e, também, socialmente mistificada, resguardada e encoberta pela ilusão e pela ideologia, ambas produzidas por esse modo de produção. Por isso, a coletânea dos sete artigos dispostos visa cooperar na formação de uma consciência baseada nos valores éticos, humanos e cristãos, sendo um oportuno caminho para contrapor a uma ideologização social imposta pelo discurso hegemônico.

A partir do tema central da décima edição, o artigo “Breves reflexões sobre a questão agrária no território amazônico” discorre para além da crítica ambiental sobre o desmatamento e ampliação do agronegócio, tem como objetivo o debate acerca das ações que valorizam os direitos dos povos tradicionais. A participação social e a discussão entre os diversos setores da sociedade são fundamentais para uma agenda pública voltada para a garantia de direitos.

É tempo de formular reflexões profundas sobre as bases que nossa sociedade tem construído um ideal, para isso propomos desconstruir e desmistificar alguns tabus. A autora Caroline Novaes Bohier e sua orientadora, a professora Luana da Silveira, doutora em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresentam “A necropolítica sobre gestação e maternidade: o posicionamento ético-político do(a) Psicólogo(a) no Sistema Único de Saúde (SUS)”. Debruçadas sobre as reflexões foucaultianas, fazem uma crítica à sociedade misógina e patriarcal. Tratando-se de uma escrita que aborda três processos transversais à maternidade, é essencial considerar a posição que a mulher ocupa histórica e socialmente, e a lógica machista que atravessa todos, sendo então, todos possíveis agentes de violência.

O artigo “A injustiça ambiental na arborização urbana do município do Rio de Janeiro – RJ” traz uma reflexão sobre a valorização dos espaços verdes nas áreas urbanas, minimizando os problemas causados pelas ilhas de calor. As condições de artificialidade do meio urbano, marcado pela ausência de vegetação e por superfícies asfaltadas, pavimentadas e concretadas, caracterizam uma alta absorção de radiação solar, baixa umidade relativa do ar e alteração dos regimes de precipitação e circulação dos ventos (Nadal; Paraíso, 2020). São questões socioambientais que não se limitam à cidade do Rio de Janeiro, mas remetem a uma realidade global que é reflexo da distribuição dos impactos ambientais, bem como a maneira pela qual estes são sentidos pela população. Isso não se dá de forma democrática.

O ousado trabalho dos autores Gabriel Cardoso Cândido e Hannah De Gregorio Leão, sob orientação da professora Thula Rafaela de Oliveira Pires, se debruça sobre a “Fazenda Brasil Verde” a partir de uma perspectiva jurídica e histórica da perpetuação do trabalho escravo

na sociedade e história brasileiras. Descreve os efeitos de uma drástica herança nacional, em que o Brasil é considerado um dos países que possui maior incidência de trabalho escravo, tendo sido condenado pela CIDH por violar a Convenção Americana de Direitos Humanos.

Pensar na sustentabilidade social e discutir sobre a trajetória de adolescentes em conflito com a lei tece um importante panorama sobre aspectos que têm sido negligenciados, em artigo voltado para a numerosa população com uma enorme vulnerabilidade socioeconômica. As autoras Maria Helena Zamora e Maria Tereza Azevedo Silva (2020) discorrem sobre “Trajetórias de vida de jovens em situação de privação de liberdade no sistema socioeducativo do estado do Rio de Janeiro”. Utilizam como categorias exploratórias o conceito de território, espaço e lugar.

A Revolução Industrial descreve uma nova organização cultural e socioespacial universal. Transforma a natureza como um recurso e explora o extrativismo em todos os âmbitos. Ao longo das mudanças e revoluções industriais, os problemas ambientais se agravaram e geraram uma sociedade à mercê de uma dinâmica instável. O artigo “Os longos anos 1960 como um golpe por direitos no vitorianismo ocidental” observa como as mudanças comportamentais dos “longos anos 1960” representaram uma busca pela ampliação de direitos com relação aos modelos vitorianos idealizados de comportamento, moralidade e gênero no hemisfério ocidental. Importante frisar que foram tidos como exemplo de descontinuidade de valores vitorianos as experiências de três países no período: Estados Unidos, França e Inglaterra.

E para encerrar a coletânea, Sofia Covas Russi discute a crise do sistema penal e a criminalização da LGBTQI+fobia a partir da problematização do aumento de normas jurídicas criminais cujo propósito pode convolar, na prática, em um superencarceramento. Tendo como pano de fundo o abolicionismo penal, a partir do método dedutivo e de uma abordagem bibliográfica, propõe um acolhimento da vítima e uma resolução de conflitos que não envolva o sistema penal.

A décima edição traz à tona algumas questões que reconhecemos como importantes, mas não foram fomentadas ou ainda não foram implementadas propostas que buscam a finitude para as diversas crises no ambiente social, econômico e ambiental. Vivemos em um tempo de instabilidade e agravamento dos problemas sociais por conta de uma paralisação da conturbada rotina capitalista nessa pandemia. Identificamos que o sistema ao qual estamos pautados está próximo a um colapso, pois ainda enxerga a natureza como simples recurso extrativista econômico. E a sociedade continua, muitas vezes, imersa em um lastimoso passado em que

existem ecos da escravidão, intolerância, negação da diversidade e racismo que ainda persistem em pleno terceiro milênio.

## **Referências bibliográficas**

VAZ, H. de L. Religião e modernidade filosófica. In: BINGEMER, M. C. (Org.). O impacto da modernidade sobre a religião. São Paulo: *Loyola*, 1992.

RUA, João. (org.) Paisagem, espaço e sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da geografia. Rio de Janeiro: *Ed. PUC-Rio*, 2007.